

# ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História

Rio de Janeiro/RJ, 2021

## O CONGRESSO DE ARTES E CIÊNCIAS NA EXPOSIÇÃO UNIVERSAL DE ST. LOUIS (1904): ANTECEDENTES DO MOVIMENTO PROGRESSISTA NA HISTORIOGRAFIA ESTADUNIDENSE

Fabio Luciano Iachtechen

Instituto Federal do Paraná/Faculdade Estácio Curitiba

fabio.luciano@gmail.com

Em 1925 Harry Elmer Barnes, discípulo de James Harvey Robinson em Columbia, publicou *New history and social studies*, obra na qual faz um balanço dos pressupostos orientadores da *new history* estadunidense, dividida em propósitos, escopo e interpretação. Em seguida, há uma extensa exposição sobre como cada ciência nova - grupo assim chamado de ciências surgidas ou consolidadas desde a segunda metade do século XIX - pode oferecer métodos, técnicas e conceitos úteis à história. Cada uma destas ciências é abordada em um capítulo, a começar pela geografia e pela influência de Frederick Turner e o conceito de fronteira na historiografia americana do final do século XIX. Sua análise segue com a apresentação da importância da psicologia, antropologia, economia, ciência política, além de um capítulo final no qual se remete a uma “social intelligence”, traduzida, em linhas gerais, por aquilo que entendemos como sociologia.

A função destas áreas de conhecimento seria oferecer para a história um alargamento de suas fronteiras de atuação, delimitadas pelo que Barnes considerou uma exagerada condução científica que não permitiria uma relação mais dinâmica com os fenômenos passados, além de proporcionar um conjunto de ferramentas de análise social operacional para os novos tempos.

Na resenha que escreveu sobre este livro, Carl Becker, um dos principais representantes do movimento progressistas, argumentou que o sentido primordial da *new history* discutido por Barnes e identificado entre seus pares é a recusa a um tipo de escrita da história inspirada em Edward Augustus Freeman, historiador liberal e professor da Universidade de Oxford durante a segunda metade do século XIX. A

# ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História

Rio de Janeiro/RJ, 2021

expressão que emprega é “Freemanesque conception”, que significaria uma espécie de adequação da história aos eventos políticos episodicamente selecionados e expostos. O Carl Becker faz questão de ressaltar que a proposta da *new history* não é a rejeição integral aos temas relacionados ao poder, mas sim à submissão a esta tradição que concebe o passado como essencialmente político (BECKER, 1925).<sup>1</sup>

Um resumo do que Edward Freeman defendia como fundamento do conhecimento histórico pode ser encontrado em *The methods of historical study*, registro da série de conferências que ministrou na Universidade de Oxford em 1884. Por exemplo, na primeira delas (*History and its kindred studies*), Freeman promove uma defesa da história como ciência superior às demais com quem poderia se relacionar, afirmando sobretudo que poucas áreas do conhecimento podem ser úteis no sentido de iluminar questões históricas, e esta contribuição, quando identificável, seria de caráter apenas accidental. Além disso, neste ensaio reforça sua conhecida afirmação acerca da relação simbiótica entre passado e política enquanto manifestação da história no presente, como se fossem um único e homogêneo fenômeno ( FREEMAN, 1986, p. 44).<sup>2</sup>

A esta primeira afirmação, Becker acrescenta que a outra grande contribuição da *new history* pode ser verificada na ampliação do escopo do historiador, que passa a conceber a reconstrução das civilizações, em sua totalidade e diferentes dimensões, como modelo preferencial. A ideia de totalidade seria expressa na busca de tudo aquilo que diz respeito a passagem humana pela Terra, um esforço de busca e organização da informação a respeito de tudo que fizemos, construímos, sentimos ou experienciamos. A expansão deste modelo seria, para Becker, o triunfo do que chamou de “genetic orientation” (BECKER, 1925, p. 233).

---

<sup>1</sup> Ainda sobre as considerações de Carl Becker sobre a não rejeição integral à historiografia política, a tradução que compõe o item 5 deste relatório, *O que é historiografia*, indica um argumento semelhante oferecido em um contexto posterior, 1938, por ocasião da publicação de outro livro de Harry Elmes Barnes resenhado por Becker, *A history of historical writing*. Em uma crítica direta a Barnes, mas também a outros progressistas que sugeriam uma rejeição mais radical aos temas políticos, Becker afirma que “...and so I will risk the following observation: when the devotion of my colleagues to social history becomes such that a History of American Life can be written with only a perfunctory mention of politics, it is well to remember that politics has after all had something to do, as much at least as sport, with making American life what it is.” *C.f.* BECKER, Carl L. What is Historiography? *The American Historical Review*, Vol. 44, n. 1, Oct. 1938, p. 23.

<sup>2</sup> “If I am right in holding that history is past politics and that politics are present history, that which can never be of any use to anybody would seem to be quite shut out from our range.”

# **ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História**

## **Rio de Janeiro/RJ, 2021**

Estes elementos seriam representativos de uma tendência nos estudos históricos estadunidenses, com possíveis conexões com fenômenos semelhantes em outros países, que evidenciavam na década final do século XIX alguns sinais de descontentamento com a história científica enquanto modelo unívoco de historiografia. A proposta deste estudo é identificar e analisar as primeiras manifestações progressistas neste período de transição na primeira década do século XX, no qual o movimento ganha seus primeiros contornos e sua expressão mais objetiva como proposta organizada.

### **O Congresso de Artes e Ciências na Exposição Universal de St. Louis**

As exposições universais, especialmente no século XIX, se propuseram a ser a condensação daquilo que se convencionava definir como modernidade, a reunião do que materialmente poderia expressar o progresso técnico, científico e industrial em um espírito cosmopolita que transmitia a ideia do gigantismo sem limites do conhecimento humano. Sobre a primeira exposição do gênero nos Estados Unidos, em 1876 na Filadélfia, Sandra Pesavento considerou que ela foi também uma síntese do que o país queria apresentar ao mundo sobre si, “uma visão da América”.

Destinado a alimentar o universo, como verdadeiro celeiro do mundo, dada a sua vasta extensão territorial, os Estados Unidos haviam também enveredado pelos caminhos da renovação técnica, do desenvolvimento industrial e da prospecção de petróleo, mas ainda não tido nas exposições universais um desempenho expressivo. Todavia, por ocasião do centenário de sua independência, os Estados Unidos iriam superar as expectativas. A ideia de realização de exposições, levada a efeito graças a recursos privados de cidadãos americanos e secundados pelo auxílio governamental – o governo federal, o estado da Pensilvânia e a municipalidade da Filadélfia – foi capaz de articular não apenas uma feira internacional, mas toda uma visão da América (PESAVENTO, 1997, p. 147).

A Exposição Universal de 1904, também denominada Feira Mundial de St. Louis, foi realizada entre abril e dezembro de 1904, em conjunto com a terceira edição dos Jogos Olímpicos da era moderna. St. Louis recebeu a quinta edição americana deste tipo de feira, e teve como característica, além da exposição dos avanços tecnológicos, industriais e militares, eventos importantes nas artes, arquitetura e história.

Nesta oportunidade, em uma dos painéis científicos mais concorridos da feira, os historiadores estadunidense tiveram a oportunidade de promover uma exposição pública

# ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História

## Rio de Janeiro/RJ, 2021

de sua disciplina e, aproveitando este espírito progressista do evento e seu formato exterior aos centros acadêmicos, apresentar a um público heterogêneo um panorama da ciência histórica no início do século XX.

Dentre as diferentes ciências contempladas, a denominada Divisão B (*Historical Science*) era dedicada à história, e teve como apresentação inaugural (*chairman's address*) a leitura do ensaio do então reitor da Universidade de Princeton e diretor da divisão, Woodrow Wilson, que posteriormente se tornaria presidente dos Estados Unidos durante a Primeira Guerra Mundial. Em *The variety and unity of history*, Wilson procurou demonstrar que a ciência histórica já apresentava um conjunto importante de inovações, mas sobretudo que havia uma nova era a ser vislumbrada na escrita da história, um movimento que julgava esperançosamente estar ainda em seus primeiros passos. No primeiro parágrafo de sua apresentação, um conjunto de questões são apresentadas neste sentido.

We have seen the dawn and the early morning hours of a new age in the writing of history, and the morning is now broadening about us into day. When the day is full we shall see that minute research and broad synthesis are not hostile but friendly methods, cooperating toward a common end which neither can reach alone. No piece of history is true when set apart to itself, divorced and isolated. It is part of an intricately various whole, and must needs be put in its place in the netted scheme of events to receive its true color and estimation; and yet it must be itself individually studied and contrived if the whole is not to be weakened by its imperfection (WILSON, 1904)

É possível perceber também uma abordagem que identifica uma possível ruptura, acompanhando as considerações já conhecidas de Turner e Robinson acerca de uma história contextualmente mais ampla e que contemplasse o elemento humano em perspectiva social. Quando afirma que “nenhum pedaço da história é verdadeiro quando visto isoladamente”, mas que compõem “um todo, variado e intrincado”, Wilson se dirige diretamente aos defensores de um modelo essencialmente político e factual.

Apesar de não oferecer uma solução metodológica à questão, Wilson claramente rejeita a escola científica novecentista e o modelo inspirado nas ciências naturais para sugerir que a história deveria ser escrita como uma grande síntese do passado, combinando os registros acerca dos eventos com uma imaginação literária fundamental a este tipo de composição. Este seria um projeto para a história mais adequado aos novos tempos.

# ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História

## Rio de Janeiro/RJ, 2021

No dia seguinte à Wilson, Karl Lamprecht participou como convidado estrangeiro, alguém que, todavia, tinha importantes ligações com pesquisadores nos Estados Unidos. Sua apresentação reforçou suas teses sobre o que chamava *new history*, um conjunto de fenômenos psicossociais que moldavam os eventos históricos. Outro convidado estrangeiro a participar deste painel foi John B. Bury, historiador anglo-irlandês, filólogo e classicista da Universidade de Cambridge, indubitavelmente um representante do cientificismo na história. Bury apresentou um ensaio chamado *The place of modern history in the perspective of knowledge*, no qual argumentou que havia sim a possibilidade de síntese na história, uma questão recorrente entre os debates, mas que ela só poderia ser válida se baseada em evidências empíricas, descartando assim qualquer elemento conjectural ou especulativo estabelecido *a priori* (BURY, 1904, p. 142).

Em carta à sua esposa, em setembro de 1904, Frederick Turner, que havia apresentado um texto chamado *Problems in American History*, mas em um painel diferente sobre História dos Estados Unidos, comentou que havia se reunido para almoçar com Karl Lamprecht e John Bury, uma reunião que pode ter sido apenas um encontro fortuito entre pares com interesses comuns, pois o teor da carta não indica o que se debateu, mas que certamente representa um encontro entre visões históricas diferentes e influentes, três países e tradições historiográficas distintas em uma só mesa.<sup>3</sup> Ernst Breisach argumenta que não é possível saber se eles tiveram neste almoço um debate sério acerca da síntese na história, seria duvidoso afirmar algo neste sentido, mas estariam postas três abordagens diferentes e metodologicamente incompletas sobre o que se conhecia até então sobre a *new history*, uma demonstração do caráter nacional desta perspectiva, muito mais do que um fenômeno universal (BREISACH, p. 35).

A apresentação que mais se aproximou de um conjunto de propostas identificadas com a *new history* foi a de James Harvey Robinson. Em *The conception and methods of history*, Robinson não aponta ainda um conceito claro do que seria o progresso na história, mas alguns elementos que foram desenvolvidos em suas obras posteriores: uma necessária relação interdisciplinar com as ciências sociais emergentes, a necessidade de se estabelecer conjunturas sociais mais amplas em detrimento aos

---

<sup>3</sup> Frederick J. Turner para sua esposa, Mae Turner, em 25 de setembro de 1904. *Turner Papers*, box F (50).

# ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História

## Rio de Janeiro/RJ, 2021

eventos particulares e a crescente influência das ideias, do pensamento e da psicologia nos processos históricos.

Neste sentido, a Divisão B da Exposição Universal de St. Louis trouxe um panorama diverso e inconclusivo sobre os rumos da ciência histórica no Estados Unidos da primeira década do século XX. Parece claro que a Escola Alemã e o positivismo francês não exerciam uma determinação decisiva nos rumos da historiografia do outro lado do Atlântico Norte, e os principais questionamentos e debates advinham de Columbia e do grupo ligado a James Harvey Robinson, Charles Beard, Herbert Osgood e Carl Becker. O popular curso de Robinson sobre o pensamento iluminista europeu começou justamente em 1904, após os debates de St. Louis, e foi o centro irradiador das ideias que formaram, nos Estados Unidos, o que se convencionou chamar nas décadas seguintes historiografia progressista.

A ida de Frederick Turner para Harvard em 1910, quando a *frontier thesis* já era tida como a explicação mais influente sobre a formação dos Estados Unidos, bem como sua presença cada vez mais importante na *American Historical Association*, denotam não apenas uma manifestação de tolerância em relação a sua presença, mas uma relativa aceitação institucional de suas teses (TURNER, 2005, p. 195). De qualquer forma, neste momento Turner foi reconhecido como alguém que, apesar de sua inovação temática e metodológica, praticou aquilo que convencionalmente se denominou história científica.

Ernest Breisach argumenta que este tipo de inovação dentro dos quadros da historiografia científica estadunidense não era necessariamente um problema, especialmente se comparada à fenômenos europeus semelhantes. Autores como Henri Berr na França e Karl Lamprecht na Alemanha surgiram como inovadores em um quadro contextual que buscava superar as escolas de pensamento histórico anteriores, enquanto nos Estados Unidos a história científica havia sido fundamental para a superação de abordagens novecentistas essencialmente literárias, além de se configurar como elemento chave para a profissionalização da história no final do século XIX. Desta forma, não poderiam ser associadas a um *ancien régime* historiográfico (BREISACH, 1993, p. 29).

Este sentido de modernização na historiografia dos Estados Unidos na transição do século XIX para o XX está especialmente relacionada ao aparecimento da ideia da *new history*, expressão que surge ainda no século XIX com um significado amplo e

# ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História

## Rio de Janeiro/RJ, 2021

difuso, mas que já anunciava alguns elementos que seriam posteriormente transformados e ampliados de modo a constituir um importante movimento.

A primeira menção à *new history* enquanto conceito representativo de uma nova concepção de história foi feita por Earle Wilbur Dow, professor de história europeia da Universidade de Michigan, a partir do seu contato com a obra de Karl Lamprecht em duas visitas à Universidade de Leipzig entre os anos de 1894 e 1897. O resultado deste segundo mergulho na historiografia alemã foi a publicação de *Features of the new history: apropos of Lamprecht's "Deutsche Geschichte"*, publicado em 1898 na *American Historical Review*, uma análise conceitual da monumental *História da Alemanha* de Lamprecht, obra em 12 volumes incompletos.

Neste artigo, Dow ressalta que o sucesso inicial da *História da Alemanha* de Lamprecht esteve relacionado a um interesse do público leitor em temas históricos que superavam as temáticas políticas e se estendiam para os fenômenos sociais de diferentes naturezas, uma proposta que melhor se adequaria as necessidades de seu tempo. As críticas partiram daqueles que Dow definiu como diferentes representantes “of an older school on the other”, que questionavam a abordagem, o objeto e especialmente o método proposto por Lamprecht (DOW, 1898).

Em linhas gerais, a *new history* surgiu neste contexto como uma proposta de superação da visão daquilo que é singular para a compreensão das regularidades históricas, uma abordagem analítica que determina as características de cada objeto ou fenômeno em um esforço de desvelar suas conexões causais, associações e relações possíveis. Este conjunto metodológico seria já observável nas ciências naturais, cada vez mais habituadas a estabelecer este senso sintético dos objetos, o que não sugere a adoção destes mesmos métodos, mas sim a consideração do método científico em geral. Para Dow, a proposta seria tomar a atividade humana em sua totalidade enquanto fenômeno social, o que incluiria os temas políticos como um destes elementos constitutivos, mas não mais como objeto central da historiografia, dentro do qual os outros temas poderiam adquirir sentido.

A expressão *new history* é novamente mencionada pouco depois no tradicional discurso (*annual presidential address*) proferido pelo presidente da *American Historical Association*, Edward Eggleston, que não pode fazê-lo presencialmente por conta de uma grave doença que o levou a morte um ano depois, mas que foi publicado em 1911, no volume 16 da revista institucional, a *American Historical Review*. Apesar de um

# ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História

## Rio de Janeiro/RJ, 2021

anúncio que se configurava como revelador, “I propose to speak to you mainly of the new history”, Eggleston sugeriu em seu discurso presidencial que a *new history* seria uma nova abordagem historiográfica mais preocupada com estilo e com os requintes da narrativa, algo fundamental para a boa compreensão do passado em sua concepção. Tomando como exemplo de escrita histórica ainda inspiradora a *History of the World* (1614) do escritor e poeta britânico Walter Raleigh, Eggleston aponta que “what the most admirable in it is its keen modern interest in the little details of life, which are a part of what I call the New History” (EGGLESTON, p. 217-233).

Neste anos anteriores à Primeira Guerra Mundial a relativa influência de Karl Lamprecht no momentos formativos da *new history* teve também no historiador e embaixador na Alemanha, William E. Dodd, um dos seus mais importantes divulgadores. Em 1903, após sua graduação em Leipzig, Dodd procurou demonstrar que a luta empreendida por Lamprecht na Alemanha contra a hegemônica predominância do modelo rankeano de história teria traços semelhantes ao embate pela reformulação epistemológica que havia se iniciado nos Estados Unidos.

Para Dodd, a *Kulturgeschichte*, sugerida por Lamprecht como um modelo de história cultural que se aproximava da antropologia como possibilidade de se estabelecer um olhar para as culturas populares e tradicionais como modo de interpretar determinadas experiências históricas, não era algo indiferente aos historiadores estadunidenses, que de alguma forma, a exemplo de Frederick Turner, já procuravam praticar uma abordagem sociocultural do passado (DODD, 1903, p. 418). A própria publicação em 1905 de *What is history?*, conjunto de conferências de Lamprecht acerca da ciência histórica e seus métodos, é resultado deste esforço de divulgação do autor alemão como um exemplo daquilo que consideravam um embate (*Kampf um die Kulturgeschichte*) por um novo modelo historiográfico, o que nos Estados Unidos seria melhor conduzido por não haver a necessidade de superação de um modelo anterior já estabelecido (LAMPRECHT, 1905).

A despeito destas menções esporádicas, dois eventos são importantes marcos articuladores do desenvolvimento da *new history* nos Estados Unidos: a publicação em 1902 de *An introduction to the History of Western Europe*, de James Harvey Robinson, e o Congresso de Artes e Ciências durante a Exposição Universal de St. Louis em 1904.

# ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História

Rio de Janeiro/RJ, 2021

## Uma introdução à história da Europa Ocidental

James Harvey Robinson se formou em Harvard em 1887 e obteve seu mestrado no ano seguinte. Após, foi para a Europa para um período de estudos em Estrasburgo, seguido de um período mais longo, na Universidade de Freiburg, onde obteve seu doutorado sob a orientação de Hermann Von Holst, e a exemplo de Earle Dow e William Dodd, teve contato com os métodos e técnicas de pesquisa alemãs em voga em fins do século XIX. Em 1895 Robinson foi para a Universidade de Columbia, onde permaneceu como professor de história da Europa moderna até 1918 (MALERBA, 2013, p. 385).

A publicação de *An introduction to the history of Western Europe* em 1902 representou, neste contexto de poucas inovações historiográficas, uma novidade revigorante acerca dos estudos históricos, pois sugeria que a história europeia moderna, um amplo contexto em si e pouco usual em um momento dominado pelo factualismo, deveria ser abordada a partir das ideias, dos movimentos intelectuais e artísticos, permeados por elementos econômicos e sociais que os davam sustentação. A obra se tornou um importante sucesso editorial, e trouxe alguns princípios do que Robinson defenderia posteriormente como parte da *new history*, como a abordagem interdisciplinar e a prevalência dos grandes contextos em detrimento à narrativa (BREISACH, 1993, p. 32).

Aproveitando a boa repercussão de sua primeira obra de maior fôlego, Robinson passou a oferecer pouco depois em Columbia um longo e popular curso sobre história intelectual europeia em forma de seminários, uma expressão da interpretação progressista que neste momento ainda se delineava. Foi nos seminários de Robinson em Columbia que Carl Becker, então professor na Universidade do Kansas, desenvolveu seu interesse por uma abordagem mais filosófica da história e, sobretudo, pelos autores iluministas franceses, um interesse que o acompanhou pela carreira toda e culminou naquela que muitos consideram sua obra mais importante e principal representante do relativismo progressista, *The heavenly city of the Eighteenth century philosophers*, de 1932.

Na mesma época, outro nome importante para a *new history*, Charles Beard, também se juntou ao grupo de Robinson, após sua graduação na Universidade DePauw de Indiana e de concluir estudos complementares na Inglaterra, na Universidade de

# ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História

## Rio de Janeiro/RJ, 2021

Oxford, onde teve uma formação bastante tradicional sob a tutela de Frederick York Powell, à época já *Regius Professor* de História Moderna e um dos nomes mais importantes ligados à historiografia científica inglesa novecentista.

Estes precursores do movimento progressista nos Estados Unidos, que inicialmente ficou conhecido como ‘Columbia University School of Historiography’, foram os responsáveis por propor um debate público que questionaria as bases científicas da produção do conhecimento histórico até então hegemônico. Ernst Breisach lembra que este grupo, articulado entorno de Robinson e dos seminários sobre história intelectual europeia em Columbia tem, a exemplo de Frederic Turner, uma origem pessoal ou profissional comum, o meio-oeste norte-americano, considerada uma “philistine heartland”, que de alguma forma exercia sobre eles o efeito de negação deste mundo rural, provinciano e essencialmente protestante em nome de um projeto de modernização americana, mais progressista, cosmopolita e industrial.

“Their opposition to the status quo found its special target in Protestantism’s dualism of good and evil and its hope for a final vanquishing of evil. As a middle-class members of a new professional group they led a historiographical revolt on behalf of the “scientific culture” of the future and against the dominant ideas and institutions maintained by tradition. The revolt would produce Progressive history; na experiment in modernization that aimed to outdate Scientific history and, for good measure, also Turner (BREISACH, 1993, p. 38)

Como repercussão dos cursos ministrados em Columbia e dos debates subsequentes à *An introduction to the history of Western Europe*, Robinson publicou em 1907 *The development of modern Europe*, em coautoria com Charles Beard, um *textbook* sobre história intelectual europeia que, a princípio, não foi percebido como obra inaugural do progressismo, e tampouco representante do que seria a *new history*. Todavia, é possível notar uma perspectiva mais internacionalista e tematicamente mais abrangente da história, o que pode ser entendido como um passo importante em relação à tese da fronteira de Turner, que sugeria, em um certo sentido, que a essência da formação dos Estados Unidos não estava nas antigas instituições europeias enraizadas desde o período colonial. Não se trata de um retorno à historiografia influenciada pelas escolas europeias no século XIX, mas uma espécie de ensaio experimental que se apresentava como inovador, pois propunha superar o evento ao propor uma história

# ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História

Rio de Janeiro/RJ, 2021

síntese das ideias, com um perspectiva cultural, social e mesmo política que procurava integrar as massas, o cotidiano e os sujeitos.

Assim, é possível considerar estas obras como um conjunto de esforços que propunham uma alternativa à história científica novecentista estadunidense, uma abordagem que não emulava os movimentos semelhantes de renovação dos estudos históricos que cresciam na Europa, especialmente na França e Alemanha, e que não encontrava nos Estados Unidos obstáculos fundamentais à sua repercussão. Não há, portanto, nas propostas de Robinson e seus seguidores uma ruptura com o cientificismo e com o institucionalismo, nem um manifesto metodológico claro e inequívoco sobre seus pressupostos.

## Acervo

*Frederick Jackson Turner Papers*, The Huntington Library, San Marino, Califórnia.

## Bibliografia

AVILA, Arthur Lima de. “Servindo a Lúcifer e não a Clio”: a retórica da suspeição e da deslegitimação profissional na historiografia sobre o Oeste norte-americano (1990-c.1995). *Varia Historia*, Belo Horizonte, vol. 30, n. 53, mai/ago 2014, p.533-556.

\_\_\_\_\_. AVILA, Arthur Lima de. O significado da História. *História*, São Paulo, v.24, n.1, 2005, p. 191-223.

BECKER, Carl. New history and social studies. *Saturday Review of Literature*, Aug. 15, 1925.

BREISACH, Ernst. *American progressive history: an experiment in modernization*. Chicago: University of Chicago Press, 1993.

BURY, John. B. *The place of modern history in the perspective of knowledge*. In: ROGERS, Howard. Congress of arts and sciences: Universal Exposition, St. Louis, vol. II: History of Politics, History of Law, History of Religion; New York, Houghton, Mifflin and Co., 1904.

DODD, William Edward. Karl Lamprecht and Kulturgeschichte. *Popular Science Monthly*, vol. 63 September, 1903, p. 418 - 424.

DOW, Earle Wilbur. Features of the New History: apropos of Lamprecht's "Deutsche Geschichte". *The American Historical Review*, vol. 3, n. 3, Apr., 1898, p. 431-448.

# ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História

## Rio de Janeiro/RJ, 2021

EGGLESTON, Edward. The new history. *American Historical Review* 16, n. 2, p. 217-233.

FREEMAN, Edward Augustus. *The methods of historical study*. Londres: MacMillan and Co., 1986.

KLEIN, Milton. Everyman his own historian: Carl Becker as historiographer. *The History Teacher*, vol. 19, n. 1, Nov. 1985, p. 101-109.

MALERBA, Jurandir. *Lições de história: da história científica à crítica da razão metódica*. Porto Alegre: FGV\Edipucrs, 2013

MOURA, Gerson. *História de uma história: rumos da historiografia norte-americana no século XX*. São Paulo: Edusp, 1995.

\_\_\_\_\_. Distância e diálogo: história e ciências sociais no Estados Unidos. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, vol. 3, n. 5, 1990, p. 3-28.

MUNSLOW, Alun. "Introduction". In: *The new history*. Harlow: Longman, 2003, p. 1-23.

NOVIK, Peter. *That Noble Dream: The objectivity question and the future of the historical profession*. New York: Cambridge University Press, 2007.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. *Exposições universais: espetáculos da modernidade do século XIX*. São Paulo: HUCITEC, 1997.

ROBINSON, James Harvey. *An introduction to the history of Western Europe*. New York: Ginn and Co., 1902.

\_\_\_\_\_; BEARD, Charles. *The development of modern Europe: an introduction to the study of current history*. New York, 1907.

SNYDER, Phil L. Carl L. Becker and the Great War: a crisis for a humane intelligence. *The Western Political Quarterly*, vol. 9, n. 1, Mar. 1956, p. 1-10.

STROUT, Cushing. *The pragmatic revolt in American history: Carl Becker and Charles Beard*. New Heaven: Yale University Press, 1958.

WILSON, Woodrow. The Variety and Unity of History. In: ROGERS, Howard. *Congress of arts and sciences: Universal Exposition, St. Louis, vol. II: History of Politics, History of Law, History of Religion*; New York, Houghton, Mifflin and Co., 1904.

WILKINS, Burleigh Taylor. Frederick York Powell and Charles Beard: a study in Anglo-american historiography and social thought. *American Quarterly*, vol. 11, n. 1 (Spring, 1959), p. 21-39.

\_\_\_\_\_. *Carl Becker: a biographical study in american intellectual history*. Cambridge: MIT Press, 1961.